



Universidade Federal do Pampa

**Campus Santana do Livramento
Graduação em Administração
Trabalho de Curso**

**“MULHER NO VOLANTE, PERIGO CONSTANTE!?” A JORNADA DE
MULHERES EM UM EMPREGO DOMINADO POR HOMENS ATRAVÉS DO
ESPELHO DOS ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO**

Autoria: Kathlyn dos Santos Soares
Orientador (a): Carolina Freddo Fleck

RESUMO

O objetivo deste estudo foi identificar os principais desafios enfrentados pelas mulheres motoristas de transporte de passageiros em Sant’Ana do Livramento/RS, com a análise dos estereótipos de gênero presentes em seu ambiente de trabalho. A pesquisa, de caráter qualitativo e exploratório, utilizou a história oral temática como metodologia, com a coleta de dados por meio de entrevistas em profundidade. Ao todo, foram entrevistadas 23 mulheres que atuam como motoristas de diferentes serviços de transporte, incluindo motoristas de táxi e dos aplicativos Garupa, Tibbor e Rota77. A pesquisa revelou que as motoristas de transporte de passageiros em Sant’Ana do Livramento apresentam perfis variados, escolhendo a profissão por motivos como a flexibilidade de horários e a busca por independência financeira. Contudo, elas enfrentam desafios como a desconfiança em relação à sua competência, assédio moral e a pressão para equilibrar o trabalho com as responsabilidades familiares. Apesar dessas dificuldades, elas mostram uma grande capacidade de adaptação, adotando estratégias para enfrentar os preconceitos e, em alguns casos, destacando-se positivamente diante dos passageiros. A pesquisa também destacou a necessidade urgente de um contexto de trabalho mais inclusivos e igualitários, em que o gênero não seja visto como um obstáculo, mas como uma característica que enriquece a diversidade e fortalece o setor de transporte de passageiros.

Palavras-chave: mulheres motoristas; transporte de passageiros; estereótipos; desafios.

**“WOMAN DRIVERS, CONSTANT DANGER!?” WOMEN’S JOURNEY IN A
MALE-DOMINATED JOB THROUGH THE LOOKING GLASS OF GENDER
STEREOTYPES**

ABSTRACT

The objective of this study was to identify the main challenges faced by female passenger transport drivers in Santana do Livramento/RS, with the analysis of gender stereotypes

present in their work environment. The research, of a qualitative and exploratory nature, used thematic oral history as a methodology, with data collection through in-depth interviews. In total, 23 women who work as drivers for different transport services were interviewed, including taxi drivers and drivers for the Garupa, Tibbor and Rota77 apps. The research revealed that passenger transport drivers in Santana do Livramento have varied profiles, choosing the profession for reasons such as flexible working hours and the search for financial independence. However, they face challenges such as distrust of their competence, bullying and pressure to balance work and family responsibilities. Despite these difficulties, they show a great capacity for adaptation, adopting strategies to face prejudices and, in some cases, standing out positively among passengers. The research also highlighted the urgent need for a more inclusive and equal working environment, where gender is not seen as an obstacle, but as a characteristic that enriches diversity and strengthens the passenger transport sector.

Keywords: women drivers; passenger transport; stereotypes; challenges.

¿“MUJER AL VOLANTE, PELIGRO CONSTANTE!” EL VIAJE DE LAS MUJERES EN UN TRABAJO DOMINADO POR LOS HOMBRES A TRAVÉS DEL ESPEJO DE LOS ESTEREOTIPOS DE GÉNERO

RESUMEN

El objetivo de este estudio fue identificar los principales desafíos que enfrentan las conductoras de transporte de pasajeros en Santana do Livramento/RS, con el análisis de los estereotipos de género presentes en su ambiente de trabajo. La investigación, de carácter cualitativo y exploratorio, utilizó como metodología la historia oral temática, con recolección de datos a través de entrevistas en profundidad. En total, se entrevistó a 23 mujeres que trabajan como conductoras de diferentes servicios de transporte, entre ellas taxistas y conductoras de las aplicaciones Garupa, Tibbor y Rota77. La investigación reveló que los conductores de transporte de pasajeros en Santana do Livramento tienen perfiles variados, eligiendo la profesión por motivos como la flexibilidad horaria y la búsqueda de independencia financiera. Sin embargo, enfrentan desafíos como la desconfianza en su competencia, el acoso y la presión para equilibrar las responsabilidades laborales y familiares. A pesar de estas dificultades, muestran una gran capacidad de adaptación, adoptando estrategias para afrontar los prejuicios y, en algunos casos, destacándose positivamente entre los pasajeros. La investigación también destacó la necesidad urgente de un entorno laboral más inclusivo e igualitario, donde el género no sea visto como un obstáculo, sino como una característica que enriquece la diversidad y fortalece el sector del transporte de pasajeros.

Palabras-clave: mujeres conductoras; transporte de pasajeros; estereotipos; desafíos.

1 INTRODUÇÃO

Os avanços na organização do processo produtivo e as mudanças no mercado de trabalho, impulsionadas pela Revolução Industrial e pelas guerras, abriram espaço para uma maior inserção feminina nas atividades produtivas. O novo modelo capitalista, marcado pela flexibilização e pela desarticulação das formas tradicionais de trabalho, trouxe novas oportunidades, mas também desafios para as mulheres, que passaram a integrar a força de trabalho não só para complementar a renda familiar, mas também pela transformação de comportamentos sociais e culturais. Embora os movimentos feministas e as mudanças

culturais tenham garantido alguns direitos e possibilitado a inserção das mulheres em diferentes áreas, a divisão sexual do trabalho ainda persiste. Assim, mesmo com avanços, a ideologia machista e os preconceitos relacionados ao gênero ainda limitam a participação feminina plena e igualitária no ambiente de trabalho (Cândido, 2017; Filho, 2004).

As vivências de homens e mulheres costumam ser diferentes e discrepantes, tanto no espaço público quanto no doméstico, nas quais ainda vivem modelos de hierarquia que tornam desiguais as oportunidades. No universo laboral, essa disparidade resulta na experiência das mulheres enfrentarem a dupla ou a tripla jornada. Mesmo participando ativamente no mercado de trabalho, as mulheres ainda são predominantemente responsáveis pelo cuidado familiar, transformando o lar não em um ambiente de descanso e lazer, mas em mais uma área de trabalho. A associação da mulher com as responsabilidades domésticas e a atribuição ao homem do papel de provedor e figura dominante no espaço público, seguem uma estrutura social que perpetua e é moldada por estereótipos de gênero (Duarte; Spinelli, 2021).

Um dos fatores que influencia essa situação é a cultura que, não apenas reproduz, mas também valida estruturas sociais hierárquicas e desiguais, perpetuando estereótipos e restrições impostas às mulheres na divisão de tarefas, na atribuição de cargos e funções. Na cultura brasileira, o modelo aristocrático da família patriarcal, estabelecido durante o período colonial, ainda persiste nas relações políticas e sociais contemporâneas, fortalecendo a hegemonia masculina e perpetuando as disparidades de gênero. No entanto, nota-se um progresso das mulheres em direção a áreas profissionais tradicionalmente associadas aos homens, como as posições de gestoras, jornalistas, doutoras, seguranças, policiais, engenheiras, mecânicas e, até mesmo, motoristas (Cândido, 2017; Teixeira *et al.*, 2021).

Goulart, Melo e Versiani (2022) ressaltam que, tradicionalmente, o trabalho de motorista é associado ao domínio masculino, simbolizando *status*, poder e sexualidade. Essa atividade se insere em um cenário criado por e para homens, embora cada vez mais as mulheres estejam ingressando nesse setor em cargos, por exemplo, de motoristas de ônibus, transporte escolar, táxi e, mais recentemente, com os avanços tecnológicos, como motoristas de aplicativos.

Na sociedade, a identidade profissional é frequentemente moldada de forma paralela à identidade de gênero, com expectativas e normas que associam determinadas ocupações a cada um dos gêneros. Dessa maneira, quando uma mulher desempenha uma função que foge do padrão socialmente estabelecido para o feminino, ela pode enfrentar preconceitos e barreiras adicionais. Esse cenário de discriminação reflete a resistência em aceitar que mulheres possam transitar livremente por diferentes esferas profissionais, limitando o reconhecimento de suas competências e, muitas vezes, impondo julgamentos que questionam sua capacidade ou comprometimento (Ferreira, 2020).

Vieira (2017) evidencia uma abordagem conceitual dualista que restringe a mulher e suas atividades ao ambiente doméstico. Em contraste, o trabalho remunerado é visto não como a principal ocupação, mas como um complemento às tarefas domésticas. Essas questões vão além da simples separação entre os gêneros, pois envolvem contextos que limitam o acesso à educação e à remuneração salarial.

Embora a presença feminina tenha crescido em áreas predominantemente masculinas, as desigualdades de gênero ainda são evidentes. Mesmo com as conquistas alcançadas, muitos obstáculos permanecem, dificultando a plena integração das mulheres em profissões historicamente dominadas por homens (Goulart; Melo; Versiani, 2022).

A profissão de motorista de transporte de passageiros é um ambiente repleto de desafios para as mulheres que optam por seguir essa carreira. Isso ocorre porque essa área é predominantemente masculina, resultado de uma construção social que enaltece o trabalho masculino e subordina o trabalho feminino a um papel secundário. Essa situação é

evidenciada por preconceitos que se manifestam desde o processo de contratação até as interações com os passageiros (Costa *et al.*, 2024).

Dentro do contexto discriminatório, Schlindwein e Bezerra (2018) ressaltam que as mulheres que trabalham como motoristas de transporte de passageiros enfrentam exigências maiores em várias áreas de suas vidas. Além das responsabilidades profissionais, elas lidam com o estranhamento por parte dos usuários do transporte. Esse cenário adiciona uma pressão adicional ao exercício de suas atividades, impondo-lhes a necessidade de reafirmar constantemente sua competência em um ambiente ainda marcado por estereótipos de gênero.

Por serem do sexo feminino, se estabelece um contexto no qual há precedentes para relações de poder do masculino sobre o feminino, onde, muitas vezes, o homem se sente autorizado a subestimar a mulher, especialmente quando ela está envolvida em profissões historicamente vistas como masculinas. Isso também aumenta a incidência de situações de assédio e falta de respeito direcionadas a mulheres nesses espaços profissionais (Scott, 1995).

O ambiente de trabalho impõe muitos desafios às mulheres, especialmente em profissões onde os estereótipos valorizam características vistas como masculinas. Nessas situações, é comum que as mulheres sintam a necessidade de adotar características associadas à masculinidade para se adaptarem a ambientes predominantemente masculinos. Isso pode incluir o uso de uma linguagem mais agressiva e a escolha de vestimentas que reduzam sua feminilidade, buscando evitar a atenção masculina (Teixeira *et al.*, 2021).

Considerando esses aspectos, ao analisar a ocupação das mulheres como motoristas de transporte de passageiros e os estereótipos associados à profissão dentro de um ambiente de trabalho predominantemente masculino, surge a seguinte questão de pesquisa: **Quais são os principais desafios do trabalho de mulheres motoristas de transporte de passageiros em Sant'Ana do Livramento/RS?**

Para atender o problema de pesquisa, tem-se por objetivo geral **identificar os principais desafios do trabalho de mulheres motoristas de transporte de passageiros em Sant'Ana do Livramento/RS**. Como objetivos específicos, **a) identificar os principais estereótipos de gênero que são relacionados às mulheres motoristas de transporte de passageiros e b) analisar como o preconceito de gênero repercute no exercício laboral cotidiano**.

As relações de gênero e as desigualdades em ambientes de trabalho predominantemente masculinos têm sido objeto de estudo, a fim de se compreender como a subordinação feminina existente em diversas esferas repercute no âmbito laboral e como o contexto histórico é capaz de promover não apenas assimetrias e dominação, mas também emancipação e empoderamento (Amorim, 2015).

Nessa direção, pesquisas sobre o contexto de trabalho de mulheres motoristas de transporte de passageiros ainda são incipientes e a literatura carece de reflexões, especificamente devido ao fato de as mulheres serem minoria nessas ocupações e enfrentarem as diferenças sociais relacionadas ao gênero (Moraes; Oliveira; Accorsi, 2019). Apesar da expansão do trabalho feminino remunerado, ainda é perceptível a concepção de que as atividades exercidas pelas mulheres são subordinadas às dos homens, o que contribui para a permanência de mulheres em áreas ocupacionais femininas, muitas vezes precarizadas e subalternas (Nascimento; Alves, 2014).

O interesse em explorar este tema se deu a partir da compreensão do como as mulheres são percebidas e tratadas na estrutura social atual. Apesar de haver mais discussões sobre as mulheres ocupando cargos de dominação masculina, é necessário destacar os desafios enfrentados por elas nessas experiências, especialmente porque há pouca pesquisa acadêmica sobre o assunto.

O presente estudo se justifica, academicamente, pois tem como objetivo enriquecer estudos ao discutir a participação feminina em profissões tradicionalmente associadas aos

homens, explorando essa dinâmica através da lente dos estereótipos de gênero. Além disso, visto que ainda há poucas pesquisas na área da administração que abordam esta temática, como pode ser observado em uma busca realizada na biblioteca eletrônica SPELL, na qual foram encontrados apenas três artigos relacionados ao tema, com pesquisas realizadas com mulheres que atuam como motoristas de transporte de passageiros, sendo eles o estudo de Junior, Marques, Lima e Paiva (2022), sobre a inclusão de mulheres motoristas de ônibus no ambiente de trabalho; o de Goulart, Melo e Versiani (2022), que discute as relações de gênero e o gueto profissional em um estudo com mulheres motoristas de aplicativos de mobilidade urbana; e o de Colodetti e Melo (2021), que analisa as relações de gênero no contexto socioeconômico e cultural brasileiro, também com foco em mulheres motoristas de aplicativos de mobilidade urbana. Dessa forma, a pesquisa contribui para ampliar o debate sobre estereótipos de gênero e guetos profissionais ao explorar as experiências pessoais de mulheres que exercem a função de motoristas de transporte de passageiros, uma área predominantemente masculina.

A pesquisa se justifica, de forma prática, pela necessidade de compreender os desafios enfrentados por essas mulheres, que vivenciam um contexto em que predominam estereótipos de gênero enraizados. Este estudo visa identificar de maneira prática e específica como tais estereótipos influenciam a percepção pública e as oportunidades de carreira para as mulheres nesse setor predominantemente masculino. A pesquisa também visa investigar os desafios e benefícios enfrentados por mulheres motoristas de transporte de passageiros em Sant'Ana do Livramento, destacando tanto as vantagens quanto as barreiras específicas dessa profissão para mulheres.

Ao observar a situação em Sant'Ana do Livramento, percebe-se uma baixa representação de mulheres como motoristas de transporte de passageiros, refletindo uma minoria significativa entre os trabalhadores desse setor na cidade. Com isso, a pesquisa contribuirá para a formulação de estratégias que visem melhorar as condições de trabalho, promover a segurança e o bem-estar das motoristas, e fomentar a diversidade de gênero em um setor tradicionalmente dominado por homens.

2 A INSERÇÃO DA MULHER NO MERCADO DE TRABALHO

A inserção das mulheres no mercado de trabalho ocorreu por meio de um processo longo e desafiador, marcado por diversas mudanças culturais, econômicas e sociais. Historicamente, o mercado de trabalho evoluiu em vários aspectos, desde os métodos de produção até as pessoas envolvidas. Inicialmente, as mulheres eram responsáveis pelos cuidados familiares e domésticos, enquanto os homens ocupavam o espaço público, fora do ambiente doméstico e familiar (Souza, 2017).

Até o século XVIII, as mulheres começaram a assumir novas atividades, além do espaço privado, tornando-se significativas como ambulantes, vendedoras, lavadeiras e tecelãs (Scott, 1995). Assim, o trabalho feminino expandiu-se, o que fortaleceu a luta das mulheres burguesas pela liberdade e participação no mundo político durante o período pré-Revolução Industrial (Nogueira, 2004).

Durante a Revolução Industrial, a inclusão das mulheres no setor industrial caracterizou-se por mão de obra barata, longas jornadas de trabalho, condições insalubres e remunerações significativamente menores em comparação aos homens. Dessa forma, à medida que aumentava a participação feminina no mercado de trabalho, também se acentuavam as desigualdades de gênero (Goulart; Melo; Versiani, 2022).

Outro fator significativo que impulsionou a entrada das mulheres no mercado de trabalho foi o cenário da Primeira e da Segunda Guerra Mundial. Durante esse período, com a partida dos homens para os campos de batalha, as mulheres se viram obrigadas a assumir o

papel de sustento da família, uma responsabilidade que, até então, era desempenhada exclusivamente pelos homens, que atuavam como provedores e chefes de família (Probst; Ramos, 2013).

Dentro desse contexto, Probst e Ramos (2013) ressaltam que, gradualmente, as mulheres começaram a ingressar no cenário das indústrias e fábricas, apesar da clara disparidade no salário e no tratamento, decorrente do preconceito enraizado que questionava sua capacidade para desempenhar funções historicamente associadas ao âmbito masculino.

Com o fim das guerras, muitos desses homens não retornaram às suas residências ou ocupações anteriores, devido às fatalidades ou ferimentos sofridos nos campos de batalha. Como resultado, as mulheres, que já haviam assumido parcialmente a responsabilidade pelo sustento familiar, foram obrigadas a manter essa posição, diante da impossibilidade física dos maridos ou como fonte adicional de renda, especialmente considerando o impacto econômico das Guerras Mundiais nos países envolvidos (Probst; Ramos, 2013).

No período pós-guerra, as mulheres gradativamente estabeleceram sua presença no mercado de trabalho, principalmente em formas de produção informal. Isso ocorreu devido à persistente discriminação que limitava as mulheres a papéis historicamente atribuídos aos homens (Motoki, 2015).

A segunda onda do feminismo, entre os anos 1960 e 1980, foi crucial para fortalecer a presença das mulheres no mercado de trabalho. Apesar de alguns avanços anteriores, as promessas do Estado de Bem-estar Social no pós-guerra ficaram longe do esperado. Esse período do movimento feminista expandiu sua pauta, reivindicando igualdade de direitos e melhores condições para as mulheres, além de valorizar suas diferenças. Dessa forma, as lutas da segunda onda abriram caminho para maior autonomia e inclusão feminina no espaço público e profissional (Siqueira; Bussinguer, 2020).

De acordo com Bruschini e Sorj (1994), entre 1985 e 1990, houve um aumento significativo na participação das mulheres no mercado de trabalho, superando os homens em termos econômicos. A redução do número de filhos entre as mulheres nesse período contribuiu para sua maior disponibilidade para o trabalho, impulsionada também pelo aumento da escolaridade e formação superior. No entanto, persistiram relações de gênero assimétricas e hierárquicas, refletidas tanto no ambiente profissional quanto familiar, onde as mulheres ainda são frequentemente associadas às tarefas domésticas, enquanto os homens são vistos como provedores. Essas disparidades perpetuam desigualdades e favorecem a discriminação no mercado de trabalho.

Atualmente, embora as mulheres estejam cada vez mais presentes no mercado de trabalho, a redução das desigualdades sociais não garante, por si só, o fim da opressão de gênero (Antunes, 2006). Apesar das várias melhorias alcançadas, as mulheres ainda enfrentam muitos preconceitos e discriminações no mercado de trabalho. A divisão de trabalho por gênero é uma clara manifestação da estereotipagem de gênero, que organiza e separa as atividades laborais em masculinas e femininas (Colcerniani; D'Ávila; Cavas, 2015).

3 ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO E GUETOS PROFISSIONAIS

Historicamente e culturalmente, a atribuição de espaços "femininos" para mulheres e funções "masculinas" para homens tem separado suas participações na sociedade e no mercado de trabalho. Isso leva à classificação de certas profissões como "para mulher" ou "para homem", influenciada por discursos sociais que (re)produzem a "constituição natural" do gênero (Scott, 1995). Butler (2003) define o gênero como performance, afirmando que a identidade de gênero é formada pela repetição de gestos, atos, signos e falas incorporados pelos indivíduos. Assim, os estereótipos de gênero se estabelecem e perpetuam normas sobre como os membros de cada grupo devem se comportar (Lips, 2020).

De acordo com Araujo (2010), os estereótipos de gênero são noções previamente formadas e generalizadas que uma pessoa tem sobre um grupo ou tipo de pessoas, envolvendo diversos aspectos relacionados a esse grupo, como suas características, preferências, estilo de vestimenta e comportamento esperado. Manstead *et al.* (1995, apud Bergamini, 2020, p. 29), complementam que os estereótipos de gênero são concepções amplamente difundidas sobre as características e comportamentos atribuídos aos diferentes sexos. Eles podem ser vistos como estruturas de conhecimento hierarquicamente organizadas, que incluem categorias e atributos associados ao gênero, como aparência física e ocupações profissionais.

De acordo com o estudo de Moller e Gomes (2010), os locais de trabalho contribuem para a perpetuação de estereótipos de gênero ao se estruturarem segundo crenças dominantes sobre as diferenças entre homens e mulheres. Essa organização sustenta desigualdades e discriminações de gênero, facilitando o acesso dos homens a promoções mais rapidamente do que as mulheres, mesmo quando estas possuem qualificações iguais ou superiores.

Bruschini e Ricoldi (2012) ressaltam que, a partir dessa divisão, surgem os guetos profissionais, que proporcionam oportunidades específicas em determinados nichos de trabalho tanto para homens quanto para mulheres. Inicialmente, as mulheres se estabeleceram em profissões como o magistério e a enfermagem, ambas vistas como "apropriadas" para elas devido à característica do cuidado, tradicionalmente associada ao comportamento feminino.

A divisão sexual do trabalho frequentemente atua como uma divisão social, destacando a supremacia das atividades masculinas sobre as femininas e diferenciando o que é considerado trabalho de homem e de mulher (Julião, Dutra; 2020). Devido às interações sociais e históricas, essa divisão sexual do trabalho, apesar de sempre manter os princípios de hierarquia (homem sobre mulher) e de distinção (trabalho de homem e de mulher), é capaz de se transformar e se ajustar ao contexto cultural, social e econômico de cada época (Cisne; Santos, 2018).

Louro (2013) menciona que os papéis masculinos e femininos são percebidos como normas estabelecidas por uma sociedade, que determinam as vestimentas e modos de agir apropriados. É por meio da internalização desses papéis que se define o que é considerado adequado ou inadequado para a mulher. Mesmo com as barreiras superadas pelas conquistas femininas, as mulheres continuam sendo vítimas de um sistema arbitrário que as oprime de maneira invisível e silenciosa.

Socialmente, há uma distinção entre profissões consideradas femininas e masculinas, devido ao fato de que as estruturas de mercado foram originalmente criadas por homens e para homens. Com base nas experiências masculinas, mesmo com a crescente presença das mulheres no mercado de trabalho, muitas profissões ainda são vistas como "predominantemente masculinas", como é o caso da profissão de motorista (Meyerson; Fletcher, 2000).

O trabalho de motorista atrai cada vez mais pessoas por sua flexibilidade. A variedade de ocupações permite escolher a que melhor atende às necessidades individuais. Dentro da categoria de transporte individual de passageiros, a profissão de taxista é uma das formas mais tradicionais, porém, os motoristas de aplicativo estão ganhando cada vez mais destaque nesse setor. Já em relação ao transporte coletivo de passageiros, motoristas de ônibus e de transportes escolares desempenham um papel essencial (Ramos, 2023).

4 O FEMININO EM GUETO PROFISSIONAL MASCULINO: MULHERES MOTORISTAS DE TRANSPORTE DE PASSAGEIROS

Cada vez mais, as mulheres estão impulsionando um movimento de reflexão, questionamento e redefinição de papéis tradicionais e funções femininas. Esse processo tem levado à conquista de novos espaços, resultando em uma reestruturação de sua identidade e

posição na sociedade. Tal transformação está enraizada em uma longa história de lutas. Esse movimento demonstra a capacidade das mulheres de enfrentar os novos tempos com segurança, desafiando a histórica submissão e dependência que frequentemente as colocava em uma posição inferior (Almeida *et al.*, 2005).

A busca pela igualdade de gênero é um desafio atual em todas as sociedades. Historicamente, as mulheres têm batalhado para alcançar melhores níveis de educação e do mercado de trabalho (Bouville, 2008). Junto a isso, as mulheres enfrentam ambientes de trabalho dominados por características vistas como masculinas, onde comportamentos considerados masculinos são incentivados. Dessa forma, o trabalho profissional também reflete os comportamentos sociais esperados de cada gênero. Entretanto, nos tempos atuais, nota-se um progresso das mulheres em direção a profissões tradicionalmente vistas como masculinas, como é o caso da profissão de motorista (Teixeira *et al.*, 2021).

Goulart, Melo e Versiani (2022) destacam que, apesar dos avanços das mulheres em áreas dominadas por homens, persistem desigualdades de gênero que dificultam sua integração total nos setores profissionais masculinos. Apesar do aumento da presença feminina como motoristas de transporte de passageiros, as mulheres ainda são afetadas por um sistema de dominação simbólica e pelo contexto socioeconômico e cultural em que vivem. Embora alguns elementos tenham impulsionado uma maior participação no setor, sua presença ainda é limitada devido aos estereótipos associados às mulheres como motoristas e ao próprio ato de dirigir (Yeung; Hippel, 2008).

Percebe-se que as visões sobre atividades tradicionalmente segregadas por gênero estão se ampliando, resultando na quebra de barreiras nos setores profissionais. Essa mudança está ocorrendo em função dos avanços tecnológicos e da abertura de oportunidades econômicas em áreas que costumavam ser dominadas por homens, incluindo a profissão de motorista de transporte de passageiros (Lips, 2020, apud Goulart; Melo; Versiani, 2022, p. 133).

Tradicionalmente, o trabalho de motorista é associado aos homens, visto que é considerado um símbolo de status, poder e sexualidade (Oliveira; Pinheiro, 2007). Essa atividade foi historicamente moldada para atender às necessidades e expectativas masculinas. Contudo, a presença de mulheres nesse campo está se tornando cada vez mais comum, como é o caso das motoristas de ônibus, táxi e, mais recentemente, com o avanço da tecnologia, motoristas de aplicativos (Goulart; Melo; Versiani, 2022).

O número de mulheres que trabalham como motoristas em aplicativos de transporte no Brasil aumentou significativamente. De acordo com dados divulgados pelo Jornal Estadão (2024), entre janeiro de 2019 e janeiro de 2023, o número de profissionais que utilizam o carro como ferramenta de trabalho cresceu 50,3%.

Os aplicativos de mobilidade urbana têm facilitado a entrada das mulheres em setores tradicionalmente dominados por homens, pois as plataformas utilizam algoritmos que inicialmente diminuem a discriminação de gênero. No entanto, a predominância de homens mostra que ainda há muito a ser feito para que essas novas formas de trabalho sejam acessíveis de forma igualitária (Goulart; Melo; Versiani, 2022).

Sob essa ótica, a pesquisa de Colodetti e Melo (2021) destaca que a atuação de mulheres como motoristas de transporte representa uma forma de empoderamento feminino em várias dimensões: social, econômica, política e cultural. Esse empoderamento se manifesta desde o momento em que as mulheres demonstram ser capazes de superar preconceitos e estruturas sociais, buscando reconhecimento, autonomia e independência financeira, até o ponto em que elas reconhecem os desafios impostos por uma sociedade brasileira que, apesar de sua história machista, aristocrática, patriarcal e escravocrata, está em processo de mudança e maior aceitação da presença feminina nessa profissão.

5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para atender o objetivo de identificar os principais desafios do trabalho das mulheres motoristas de transporte de passageiros em Sant'Ana do Livramento, a pesquisa adotou uma abordagem qualitativa. Pesquisadores que empregam abordagens qualitativas se dedicam a entender os motivos por trás dos fenômenos, destacando o que é apropriado, mas não se ocupam em medir os valores e as transações simbólicas, nem se limitam à confirmação de fatos, pois lidam com dados não quantitativos e adotam múltiplas perspectivas. Dessa forma, o foco se dá em elementos da realidade que não podem ser quantificados, concentrando-se em entender e explicar a dinâmica das relações sociais (Gerhardt; Silveira, 2009).

Quanto aos objetivos, esta pesquisa foi classificada como exploratória. Gil (2002) destaca que pesquisas de caráter exploratório visam aumentar o entendimento do problema, buscando torná-lo mais claro ou ajudar na formulação de hipóteses, envolvendo entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado. Embora já exista material sobre as questões de estereótipos, a temática ainda requer uma exploração mais aprofundada, especialmente no que diz respeito às profissões tradicionalmente masculinas exercidas por mulheres.

O método de pesquisa adotado foi a história oral temática, por se basear em um assunto específico e previamente determinado. Nesse campo da história oral temática, a hipótese de trabalho é constantemente testada e o foco do tema deve ser tão claro que apareça nas perguntas dirigidas ao entrevistado. Apesar de ser uma narrativa que apresenta uma versão do fato, a história oral temática busca obter a verdade de quem vivenciou o acontecimento ou, pelo menos, uma versão que possa ser discutida ou contestada (Meihs, 2005).

Este método permitiu focar em questões específicas e relevantes relacionadas às experiências de trabalho, benefícios e obstáculos de mulheres motoristas de transporte de passageiros. Ao direcionar as perguntas de forma clara e objetiva, é possível obter narrativas detalhadas e pessoais que refletem a realidade dessas mulheres, proporcionando uma compreensão mais profunda e autêntica das suas vivências.

Para a obtenção das informações necessárias para a realização deste estudo foram coletados dados através de entrevistas em profundidade, em que a informante é encorajada a falar abertamente sobre um tema, e as perguntas do investigador, quando feitas, têm o objetivo de aprofundar as reflexões. A entrevista, considerada tanto como uma forma ampla de comunicação verbal quanto como uma técnica específica para coletar informações sobre um tema científico, é a estratégia mais comum no trabalho de campo (Minayo; Deslandes; Gomes, 2010).

Essencialmente, a entrevista é uma conversa entre duas ou mais pessoas, iniciada pelo entrevistador, com o propósito de gerar informações relevantes para um objeto de pesquisa, abordando temas que sejam igualmente relevantes para atingir esse objetivo. Em uma sociedade caracterizada por inúmeros conflitos, cada entrevista reflete de maneira única as nuances positivas e negativas da realidade, tanto no momento de sua condução quanto nos dados que ela gera (Minayo, Deslandes; Gomes, 2010).

As entrevistas foram realizadas com mulheres que trabalham como motoristas de transporte de passageiros na cidade de Sant'Ana do Livramento, conforme detalhado no Apêndice A. Essas profissionais incluem motoristas de táxi e motoristas de aplicativos de transporte, com as últimas prestando serviços nas plataformas Garupa, Tibbor e Rota77. Ao todo, foram entrevistadas 23 mulheres, das quais 8 eram motoristas de táxi, 6 do aplicativo Garupa, 5 do aplicativo Tibbor e 4 do Rota77.

O contato inicial com essas motoristas foi estabelecido de duas formas principais: presencialmente, no local de trabalho, e pela técnica da bola de neve. No contato presencial,

as entrevistas ocorreram durante as atividades profissionais, facilitando a aproximação com as motoristas em seu cotidiano. Além disso, a técnica da bola de neve, descrita por Bayley (1994), permitiu que as primeiras entrevistadas indicassem outras participantes, criando uma rede que expandiu o alcance do estudo até alcançar o número desejado de respondentes.

As entrevistas foram conduzidas individualmente e com a flexibilidade necessária para se ajustar à rotina das trabalhadoras. Além dos encontros presenciais, também foram consideradas opções de entrevistas *online*, possibilitando que cada participante escolhesse a modalidade que melhor se adequasse ao seu horário e compromissos. Todas as entrevistas foram gravadas em áudio, com o consentimento das participantes, e transcritas integralmente para análise posterior.

Para a análise dos dados coletados foi utilizada a análise de conteúdo, definida por Minayo, Deslandes e Gomes (2010), como uma ferramenta que possibilita desvendar o que está oculto nas mensagens explícitas, indo além das aparências do que é comunicado. Bardin (2016) ressalta que a análise de conteúdo se divide em três etapas: a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados, inferência e interpretação.

A pré-análise é utilizada para transformar as intuições em ações práticas e sistemáticas, com o objetivo de elaborar um plano detalhado que guie, de maneira precisa, o desenvolvimento das operações subsequentes. Na sequência, a exploração do material é a implementação sistemática das decisões, envolvendo operações de codificação, decomposição ou enumeração, conforme regras previamente estabelecidas. Por fim, o tratamento dos resultados, inferência e interpretação consiste em dar significado aos resultados brutos, onde, com resultados significativos e válidos, é possível então formular inferências e avançar com interpretações pertinentes aos objetivos estabelecidos (Bardin, 2016).

6 ANÁLISE DOS RESULTADOS

No presente tópico serão apresentados e discutidos os resultados do estudo a partir das 23 entrevistas realizadas com mulheres que trabalham como motoristas de transporte de passageiros em Sant'Ana do Livramento. Para tanto, está dividido em três subtópicos, sendo eles: perfil das entrevistadas, principais estereótipos de gênero que são relacionados às mulheres motoristas de transporte de passageiros e repercussão do preconceito de gênero no exercício laboral cotidiano.

6.1 Perfil das entrevistadas

A análise de perfil das participantes deste estudo, composto por 23 mulheres motoristas de transporte de passageiros em Sant'Ana do Livramento, busca compreender as características sociodemográficas e as motivações pessoais que as conduziram a escolher essa atividade profissional. Identificadas como P1 a P23 para preservar o anonimato, essas mulheres atuam em diferentes serviços de transporte, incluindo táxis e aplicativos como Garupa, Tibbor e Rota77.

Quadro 1 - Perfil das entrevistadas

Id	Idade	Escolaridade	Estado civil	Filhos	Atuação	Tempo	Motivação
P1	38	Ensino médio completo	Solteira	0	Rota 77	1 ano	Flexibilidade de horários

P2	60	Ensino médio completo	Divorciada	3	Garupa	2 anos e 10 meses	Aumento de renda
P3	21	Ensino médio completo	Solteira	0	Garupa	2 meses	Flexibilidade de horários
P4	42	Ensino médio completo	Solteira	4	Tibbor	2 anos	Desemprego e gosto pela profissão
P5	52	Ensino médio completo	Casada	3	Táxi	11 anos	Gosto pela profissão
P6	33	Ensino superior completo	Solteira	1	Rota 77	2 meses	Aumento de renda
P7	56	Ensino superior completo	Casada	2	Garupa	6 anos	Aumento de renda
P8	43	Ensino superior completo	Casada	2	Garupa	6 anos	Desemprego e flexibilidade de horários
P9	43	Ensino médio completo	Solteira	1	Tibbor	2 anos	Flexibilidade de horários
P10	46	Ensino médio completo	Solteira	0	Rota 77	4 anos	Aumento de renda e flexibilidade de horários
P11	54	Ensino superior completo	Divorciada	2	Tibbor	1 ano e 10 meses	aumento de renda
P12	46	Ensino superior completo	Casada	2	Garupa	3 anos	Desemprego, flexibilidade de horários e gosto por dirigir
P13	29	Ensino médio completo	Casada	1	Táxi	3 anos	Desemprego e flexibilidade para cuidar do filho
P14	44	Ensino médio completo	Solteira	1	Rota 77	4 meses	Complemento de renda

P15	35	Ensino médio completo	Casada	2	Tibbor	1 ano	Flexibilidade para conciliar trabalho com a criação dos filhos
P16	38	Ensino médio completo	Casada	2	Táxi	5 anos	Necessidade e gosto pela independência
P17	40	Ensino médio completo	Solteira	2	Táxi	6 anos	Flexibilidade para cuidar dos filhos e gosto por dirigir
P18	38	Ensino médio completo	Casada	2	Táxi	7 anos	Necessidade financeira, flexibilidade e gosto pela profissão
P19	29	Ensino superior incompleto	Solteira	0	Garupa	3 anos	Flexibilidade e independência financeira
P20	45	Ensino fundamental completo	Casada	3	Táxi	5 anos	Necessidade de sustento e gosto pela independência
P21	27	Ensino médio completo	Divorciada	1	Tibbor	4 anos	Flexibilidade de horários para cuidar do filho
P22	36	Ensino médio completo	Solteira	2	Táxi	2 anos	Independência financeira e flexibilidade de horários
P23	34	Ensino médio completo	Solteira	0	Táxi	3 anos	Independência financeira e gosto pela profissão

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados da pesquisa (2024)

Das participantes, oito trabalham como motoristas de táxi, seis trabalham com o aplicativo Garupa, cinco no aplicativo Tibbor e quatro no aplicativo Rota 77. Em relação à faixa etária, existe uma variação significativa, com idades que vão de 21 anos (P3) até 60 anos

(P2), o que demonstra que não existe um padrão de faixa etária entre as motoristas. Essa variação de idade também reflete a flexibilidade da profissão, que consegue atender às demandas de mulheres em diferentes fases da vida.

A escolaridade das motoristas é predominantemente de ensino médio completo, embora algumas tenham ensino superior completo, como é o caso de P6, P7, P8 e P11. Observou-se que o nível educacional não foi um fator determinante para a escolha dessa profissão, mas algumas motoristas com formação superior, como a P8, que enfrentou o desemprego, veem nessa ocupação uma forma de superar barreiras no mercado de trabalho formal. Esse contexto de desemprego também é mencionado por várias participantes, que, diante da falta de outras oportunidades, decidiram buscar uma fonte de renda através do transporte de passageiros.

P8: *“Fiquei desempregada pela primeira vez em 2018 e, como sempre trabalhei e nunca fiquei sem emprego, eu sabia que tinha que buscar algo. Então, fui trabalhar como motorista de aplicativo porque me dava flexibilidade, me permitia estudar e passar mais tempo com a família”.*

P12: *“Vários fatores me fizeram escolher essa profissão. O primeiro e mais importante é que eu sempre amei dirigir. Então, isso aí facilitou bastante, né? Depois, seguido disso, veio o desemprego, depois dos 40 anos...”.*

P13: *“Comecei a trabalhar como taxista pela dificuldade de encontrar empregos no mercado atual, e a necessidade de trabalhar dentro da disponibilidade de horários que tenho, porque precisava cuidar do meu filho e não tinha com quem deixar”.*

P16: *“Comecei por necessidade, mesmo. Meu marido ficou desempregado na época, e o táxi foi uma oportunidade que apareceu. Mas hoje eu gosto do que faço, acabei pegando gosto pela rua e pela independência”.*

No aspecto familiar, muitas das motoristas são mães, e esse fator foi decisivo para a escolha da profissão devido à flexibilidade de horários, que permite conciliar o trabalho com as demandas familiares. P13 e P22, por exemplo, relatam a necessidade de estarem disponíveis para cuidar dos filhos como uma das principais motivações para escolher o transporte de passageiros como profissão. Além disso, participantes como P18 e P21 mencionam que a profissão oferece uma liberdade que não encontravam em empregos com horários fixos.

P22: *“Eu precisava de um trabalho que me permitisse estar em casa quando meus filhos precisassem de mim, especialmente a Laura, que ainda é bem pequena, então o fato de eu poder fazer meus próprios horários foi um grande atrativo”.*

Entre os motivos destacados para a escolha dessa profissão, a flexibilidade de horários é, sem dúvida, uma das razões mais frequentes. Motoristas como P1, P3, P9, P15, P17 e P21 optaram pela área por considerarem o trabalho compatível com suas necessidades pessoais e rotinas familiares. A flexibilidade é especialmente valiosa para mães solo, como P21, que precisam de autonomia para atender às demandas de seus filhos sem comprometer a renda familiar. Para algumas motoristas, a necessidade de incrementar a renda familiar também foi um fator decisivo, como exemplificado por P2, P6, P11 e P14.

P21: *“Eu escolhi a profissão pela flexibilidade. Como mãe solteira eu precisava de algo que me permitisse ganhar dinheiro, mas que eu também pudesse estar presente para o meu filho. No começo foi bem difícil, mas foi uma ótima oportunidade para conseguir sustentar a família”.*

Outro aspecto relevante é a busca por independência financeira e autonomia, fator mencionado por motoristas como P10, P16, P19, P20, P22 e P23. Muitas participantes relatam que o trabalho como motorista representa uma alternativa atraente para se livrarem de estruturas tradicionais de trabalho, permitindo maior controle sobre seus horários e rendimentos. Esse desejo de independência é fortalecido pela perspectiva de um trabalho sem chefe e com possibilidades de ganho variáveis, determinadas pelo próprio esforço, como observa P19.

P19: “A principal razão foi a flexibilidade. Na loja em que eu trabalhava os horários eram fixos e eu não tinha muita liberdade. Além disso, eu queria um trabalho onde eu pudesse ganhar o quanto me esforçasse, sem ficar dependendo de metas e de outras pessoas”.

É interessante notar que, para algumas das motoristas, o gosto pela direção e pela interação com pessoas foi um incentivo natural para a escolha da profissão, como expressado pelas P4, P5, P12, P17, P18 e P23. Isso sugere que, além dos aspectos financeiros e de flexibilidade, há uma dimensão de realização pessoal associada ao ato de dirigir e ao contato social que o trabalho proporciona.

Quanto ao tempo de atuação na área, as experiências variam desde motoristas recentes, como P3, P6 e P14 com poucos meses na profissão, até a P5, com 11 anos de experiência. Essa diferença de tempo na profissão indica que, para algumas mulheres, o trabalho pode ser uma solução temporária ou complementar, enquanto para outras se tornou uma escolha de carreira sólida e duradoura.

Em resumo, o perfil das motoristas de transporte de passageiros de Santana do Livramento evidencia uma variedade de motivações. A análise demonstra que a escolha pela profissão de motorista atende não apenas às necessidades financeiras, mas também ao desejo de autonomia e de adequação às demandas de diferentes fases da vida, sendo uma opção que proporciona às mulheres uma alternativa prática e empoderadora para superar desafios no mercado de trabalho e no âmbito pessoal.

6.2 Principais estereótipos de gênero que são relacionados às mulheres motoristas de transporte de passageiros

A análise dos relatos das participantes que trabalham como motoristas de transporte de passageiros em Santana do Livramento evidencia uma série de estereótipos de gênero presentes em seu cotidiano, os quais reforçam preconceitos sobre as habilidades e papéis das mulheres no mercado de trabalho, especialmente em profissões historicamente ocupadas por homens.

Um estereótipo recorrente nas falas das entrevistadas é a desconfiança em relação à capacidade das mulheres de dirigir. Esse padrão corrobora os achados de Goulart, Melo e Versiani (2022), que apontam como os homens frequentemente se sentem no direito de subestimar as mulheres que atuam em profissões historicamente dominadas por eles. Muitas motoristas relataram episódios em que tiveram sua habilidade ao volante questionada, refletindo uma percepção equivocada que associa a competência na direção exclusivamente ao gênero masculino. A P1 menciona ter ouvido piadas que subestimam sua habilidade, reforçando o estereótipo de que "mulher não sabe dirigir". Esse tipo de comentário é reproduzido por outras entrevistadas, como a P8, que relata preconceito por parte de passageiros que duvidam de sua capacidade de estar no comando de um carro. A P18 acrescenta que muitos homens ainda não acreditam que uma mulher pode ser uma boa motorista, o que demonstra um estigma de inferioridade. Em contrapartida, a P11 traz uma

perspectiva diferente, afirmando que o preconceito é mais evidente entre as próprias mulheres. Essa visão é confirmada pelo estudo de Almeida et al. (2005), que aponta que algumas mulheres percebem outras como responsáveis por tornar o trânsito mais lento, chegando a se considerarem "donas da rua".

P8: *“Pelo simples fato de ser mulher no volante eu enfrento muito preconceito. Muitas pessoas ainda acham que mulher não sabe dirigir, que não tem capacidade para ser motorista. E também escuto comentários inadequados... cantadas... por parte de passageiros que acham que só porque somos mulheres estamos mais vulneráveis a esse tipo de abordagem”. “Uma vez peguei um passageiro e senti que ele ficou meio desconfiado por eu ser mulher; como se por ser mulher eu não fosse boa motorista, aí no final da corrida ele soltou que até que eu dirigia bem pra uma mulher, em tom de piada. Mas mesmo falando como brincadeira, ficou claro o preconceito e a preocupação dele quando viu que era eu”.*

P18: *“As vezes, sinto que é um trabalho que ainda tem uma “característica masculina” muito forte, e que por ser mulher tenho que provar mais do que os homens que estou ali porque sei o que estou fazendo. Mas acho que com o tempo as coisas têm melhorado...”.*

P11: *“Sabe que os preconceitos sobre mulher nessa profissão, eles são muito mais das próprias mulheres do que dos homens. Todos os colegas nunca me desrespeitaram, nem nunca me acharam inferior; e nem os passageiros homens. Mas as passageiras mulheres, sim, elas têm um certo preconceito, como se mulher não soubesse dirigir”.*

Além disso, o preconceito também se manifesta na forma de controle e supervisão excessivos, especialmente quando os passageiros são homens. A P13 relata uma situação em que um passageiro mais velho tentou supervisionar sua direção durante toda a corrida, demonstrando desconfiança em suas habilidades. Esse tipo de atitude reforça o estereótipo de que as mulheres precisam de orientação ou fiscalização em suas ações, comprometendo sua autonomia e credibilidade profissional. Nesse contexto, Santos, Tanure e Neto (2014) destacam que, embora haja esforços para romper com esses estereótipos, ainda existem muitas barreiras a serem superadas, o que obriga as mulheres a provarem constantemente sua competência.

P13: *“É muito difícil de ignorar essas situações porque a gente não sabe como reagir; sabe? As vezes as pessoas não medem as palavras e falam coisas absurdas, por exemplo, uma vez, eu estava fazendo uma corrida para um passageiro mais velho, e esse senhor foi a viagem inteira me controlando, dando pitaco sobre o que eu deveria ou não fazer”.*

Corroborando os achados de Sousa et al. (2023), o assédio verbal e moral também é um desafio comum relatado entre as motoristas, mostrando como o estereótipo de fragilidade e vulnerabilidade feminina se manifesta no ambiente de trabalho. A P12 relata o desconforto com passageiros que fazem comentários machistas ou tentam assediá-la, especialmente em corridas noturnas. A P15 também expressa receio em relação à segurança, principalmente durante à noite, e destaca que seu gênero é um fator que contribui para essa sensação de vulnerabilidade. A abordagem invasiva de alguns passageiros revela a objetificação da mulher, que ainda é vista como suscetível a avanços e menos capaz de se impor no ambiente profissional.

P12: *“...então muitas vezes eu recebi alguns comentários machistas em termos de eu estar ali naquela posição de comando, digamos assim, porque eu que defino os trajetos e tal, e um homem muitas vezes não se submete, são*

pouquíssimos os casos, mas acontece sim...”. “...eu gosto de trabalhar na noite também, os clientes muitas vezes ficam me cantando assim, sabe? Se insinuando, porque eu sou mulher, entendeu? Então parece que eu estando ali naquela posição eu tenho que me submeter a qualquer situação, e não é assim, obviamente”.

P15: “Procuro escolher horários mais seguros para trabalhar e ficar sempre atenta aos lugares para onde vou porque tenho muita insegurança de trabalhar durante a noite, principalmente por ser mulher”.

Outra questão importante é a percepção de que as mulheres, em profissões que exigem responsabilidade física ou mental, são vistas como mais "frágeis" ou inadequadas, como apontado no estudo de Almeida *et al.* (2005). Os autores destacam a existência de uma ideologia que difunde a imagem de uma mulher dócil, submissa e obediente, uma representação da dominação masculina que tem sido naturalizada, especialmente nas interações no trânsito. Da mesma forma, a participante P4 menciona que muitos homens consideram as mulheres "o elo mais fraco" e, por isso, tendem a tratá-las com desdém ou a tentar se aproveitar de sua posição. Ela descreve a necessidade de provar diariamente sua competência, desafiando o preconceito de que as mulheres não são tão capazes quanto os homens para enfrentar as demandas do cotidiano de uma motorista de transporte de passageiros.

P4: “Ah, sim, enfrentar desafios adicionais todos os dias. Por ser mulher, principalmente. Porque quando um homem vê que tu é mulher, eles já querem... Ah, tu tá errando! Gritam com a gente... tem os riscos adicionais, até em roubo. Eles vão sempre procurar o elo mais fraco. E pra eles, infelizmente, na cabeça deles o elo mais fraco é a mulher”.

Além disso, as entrevistadas refletem sobre a dupla ou tripla jornada de trabalho, um desafio adicional que impacta a vida dessas mulheres. Muitas participantes, como a P1 e P12, descrevem as dificuldades de equilibrar o trabalho com responsabilidades familiares, evidenciando o estereótipo de que o cuidado com a casa e os filhos recai sobre a mulher, mesmo que ela tenha uma profissão fora do ambiente doméstico. Esse tipo de pressão não é experimentado da mesma forma pelos homens, o que torna a conciliação entre trabalho e vida pessoal um desafio exclusivamente feminino para essas motoristas. O mesmo foi evidenciado pelos autores Almeida *et al.* (2005), que enfatizam que, apesar das diversas conquistas, a maioria das mulheres e a sociedade em geral ainda não conseguiram abandonar o antigo modelo de mulher responsável pelo lar e pelos filhos.

P1: “Além disso, tem o desafio de conciliar a jornada de trabalho com as responsabilidades familiares, que muitas vezes recaem mais sobre nós, mulheres. Esses são obstáculos que muitos colegas homens não experimentam da mesma forma”.

P12: “Então, eu digo que os desafios que eu encontro atualmente são os mesmos que eu encontrei a minha vida inteira, que é conciliar o trabalho, a profissão, com as demais responsabilidades, que querendo ou não, ainda sobrecarrega as mulheres. Porque a cuidar da casa ainda cai essa responsabilidade para as mães, né? Se o filho adoecer, ainda é a mãe que cuida. Enfim, se tem que fazer uma atividade da escola, ainda é a mãe que auxilia. Então, embora eu tenha mudado de ramo completamente, justamente para flexibilizar meu horário, os desafios são os mesmos, que é conciliar a profissão com as demais demandas do dia a dia”.

Por fim, algumas motoristas também relatam que, no ambiente de trabalho, os homens tendem a favorecer seus pares masculinos, perpetuando a ideia de que são mais competentes

ou preparados para determinadas situações, como viagens em horários perigosos ou trajetos desafiadores. A P12 menciona que os homens recebem preferência em situações que exigem mais "responsabilidade", o que demonstra como o preconceito de gênero afeta as oportunidades de trabalho das mulheres, mesmo entre seus próprios colegas.

6.3 Repercussão do preconceito de gênero no exercício laboral cotidiano

Ao analisar as respostas, foi possível identificar uma divisão entre aquelas que vivenciaram algum tipo de preconceito e as que relataram experiências neutras ou positivas. P1 e P4, descreveram situações de discriminação explícita, seja por meio de comentários preconceituosos sobre a capacidade de mulheres ao volante, seja por tratamentos diferenciados de clientes e colegas. No caso da P4, que é uma mulher negra, a interseção de gênero e raça se torna evidente, intensificando o preconceito vivido. Ela relata um caso em que foi injustamente acusada de desonestidade, o que, segundo seu depoimento, evidenciou um preconceito que ignorou sua conduta profissional consolidada ao longo dos anos. Esse episódio ressalta a vulnerabilidade das mulheres, especialmente negras, em profissões onde julgamentos baseados em estereótipos são recorrentes.

P1: *“Acho que o maior preconceito que eu já passei no trabalho são as piadinhas dizendo que nós mulheres não sabemos dirigir; na maioria das vezes vindas de homens”.*

P4: *“Uma vez uma senhora perdeu a carteirinha dela e a base ficou dois dias, quando eu trabalhava no táxi ainda, ficou dois dias atrás de mim por causa da bendita carteirinha da senhorinha, sendo que eu já tinha dado provas da minha honestidade durante quatro anos com eles, e por causa dessa carteirinha, o chefe da base chegou a ir na minha casa, quando depois a nora dela ligou pra base pedindo desculpa que eles tinham encontrado a carteirinha, mas foi aquela coisa, foi uma perseguição barbara. Tudo que eu tinha demonstrado esses quatro anos tinha sumido num segundo só”.*

Outras participantes, como P8 e P12, também destacam o assédio e o preconceito relacionados à competência, apontando que alguns clientes ainda associam a profissão ao universo masculino. De acordo com Duarte (2000, apud Almeida *et al.*, 2005, p. 181), os comportamentos culturais também desempenham um papel importante nesse contexto. O homem é educado desde criança para lidar com máquinas, enquanto a mulher é ensinada a cuidar da casa. A P12, que já havia trabalhado em setores regulados e exigentes, descreve como o preconceito se manifesta por meio de insinuações e comentários machistas, evidenciando a dificuldade de conquistar respeito em uma profissão tipicamente dominada por homens.

P8: *“Já levei cantada de mulher e de homem, e também há quem ache que motorista de aplicativo não tem estudo, que não é uma profissão digna. Isso é um grande preconceito. Além disso, por ser mulher, muitos acham que não sou capaz de dirigir ou de estar no comando de um carro”.*

P12: *“já aconteceu de clientes que em algum momento fizeram algum comentário machista e depois numa próxima oportunidade que eu aceitei a corrida, a pessoa cancela, entendeu, porque, obviamente, porque eu sou mulher”.*

Em contraste, algumas participantes relataram experiências majoritariamente positivas, com aceitação por parte dos passageiros, como P3, P5, P6, P7, P9 e P10. A P5, por exemplo, afirma que sua condição de mulher ao volante é bem-vista pelos passageiros, que

preferem o serviço de uma motorista mulher por se sentirem mais seguros. De forma semelhante, a P6 compartilha a percepção de que, na maioria das vezes, clientes do sexo feminino demonstram preferência por motoristas mulheres, associando-as a uma condução mais cuidadosa e segura. Essas experiências indicam que, em alguns casos, o gênero pode representar um diferencial positivo, embora a percepção do preconceito varie significativamente conforme o perfil do passageiro e o contexto.

P5: *“Até hoje nunca tive preconceito por ser mulher no taxi. Pelo contrário, as pessoas gostam muito, tanto homens como mulheres, gostam que seja mulher dirigindo, eles gostam. No meu ponto tem homens e tem mulheres e os passageiros sempre vão onde estão as mulheres”.*

P6: *“Até o momento não me deparei com nenhum preconceito quanto a isso. Pelo contrário, a maioria das mulheres que pegam o carro comigo sempre dizem que preferem o motorista mulher por ser mais cuidadosa ou até por questão de segurança mesmo”.*

Um aspecto notável é que o preconceito não se limita apenas às interações com os passageiros, mas também permeia as relações com outros profissionais e motoristas, como destacam as autoras Sousa *et al.* (2023), ao afirmarem que suas entrevistadas relataram ser vítimas de preconceito, estranheza e discriminação tanto por parte de passageiros quanto de colegas. A P13, por exemplo, menciona o preconceito vindo de colegas motoristas, sugerindo que a discriminação pode ter origem no próprio ambiente de trabalho e não apenas nas relações com os clientes. Em alguns casos, o preconceito se manifesta de forma mais sutil, como relatado pela P22, que descreve situações em que os clientes expressaram surpresa ou descrença em relação à sua habilidade, questionando sua capacidade de conduzir o veículo.

P13: *“Já sofri preconceito sim, muitas vezes, não só de passageiros, mas também de outros motoristas de aplicativo. É muito difícil de ignorar essas situações porque a gente não sabe como reagir...”.*

P22: *“Um cliente uma vez perguntou se eu sabia dirigir, e eu respondi com um sorriso: “Se eu não soubesse, não estaria aqui”. Apesar de algumas situações de preconceito, eu aprendi a não me deixar abalar. Ao longo do tempo, percebi que a melhor resposta é sempre fazer o meu trabalho com qualidade e não dar margem para questionamentos”.*

Os desafios enfrentados pelas motoristas de transporte de passageiros não se limitam somente ao preconceito de gênero, há também desafios físicos e operacionais, como questões de saúde, segurança e as condições do trânsito. Esses aspectos representam dificuldades que afetam a qualidade do trabalho e o bem-estar das profissionais envolvidas.

Para muitas participantes, o trânsito é destacado como uma das maiores dificuldades enfrentadas no dia a dia. A P2 aponta a falta de respeito entre os motoristas como um problema recorrente, enquanto a P10 enfatiza o estresse e a responsabilidade de lidar com a pressão de horários e o comprometimento com os passageiros. Essas situações elevam os níveis de tensão e ansiedade, especialmente para aquelas que passam longas horas ao volante. A P1, por exemplo, relata dores físicas resultantes de longos períodos sentada. Nesse contexto, Moraes *et al.* (2017) observam que essa dinâmica, marcada pelo acúmulo de tarefas e responsabilidades, contribui para um desgaste mental significativo, agravando os desafios enfrentados pelas motoristas.

A questão da segurança também se destacou entre os relatos, especialmente para aquelas que trabalham em horários noturnos ou em áreas mais isoladas. A P15 expressou sua preocupação com o risco de assaltos, o que faz com que esteja constantemente em alerta, enquanto a P13 compartilhou o receio de lidar com passageiros desconhecidos durante a

noite. Esse tipo de insegurança afeta diretamente o conforto e a tranquilidade no trabalho, limitando as oportunidades de corrida e potencialmente reduzindo sua renda.

Esses desafios físicos e emocionais são agravados pela necessidade de manutenção dos veículos, como destacou a P6, que afirmou ter que lidar frequentemente com custos de reparo em razão do estado precário das ruas. Essa questão, somada ao alto custo de manutenção, representa um obstáculo financeiro para muitas motoristas, comprometendo a rentabilidade do trabalho.

P6: “A parte ruim de ser motorista é que o carro é meu, é próprio, e pelo estado das ruas e coisa assim, a conservação das ruas, acaba que gera bastante manutenção no carro. E aí, digamos que não é tão vantajoso assim trabalhar como motorista”.

No que se trata de estratégias de enfrentamento, destaca-se uma abordagem diversificada para enfrentar os desafios do cotidiano. Algumas participantes priorizam o autocuidado e buscam manter uma rotina equilibrada para lidar com o estresse da profissão, como a P1, que cita o cuidado com a alimentação e exercícios físicos como parte de sua estratégia. Outras participantes adotam uma postura focada em aspectos técnicos e preventivos, como a P2, que mencionou o aprendizado sobre manutenção veicular para se sentir mais segura.

P1: “Eu tento manter uma rotina saudável em questão de alimentação, exercícios físicos, faço pilates também... Tudo isso ajuda na rotina cansativa de trabalhar sempre sentada”.

P2: “Aprendi a trocar pneu e também aprendi bastante sobre o funcionamento e peças de carro. E ter uma boa assessoria como um borracheiro e um mecânico de confiança é super importante”.

Em contrapartida, outras mulheres adotam uma postura mais assertiva e confiante para lidar com situações de desrespeito ou comportamento invasivo. É o caso das P18 e P23, que destacam a importância de impor limites de maneira firme. Goulart, Melo e Versiani (2022) ressaltam que, devido à insegurança gerada pelo medo de assédio, muitas mulheres relataram a necessidade de adotar uma postura séria e reservada para evitar avanços indesejados por parte de clientes. Essa estratégia visa minimizar o contato e não deixar "brechas" para cantadas, tentativas de abuso ou palavras ofensivas vindas de homens. Além disso, outras participantes, como P19 e P20, enfatizam a importância de manter a paciência, a calma e o profissionalismo em situações de possível confronto.

P18: “No início, eu me sentia impotente, mas com o tempo aprendi a me impor mais. Quando alguém tenta ultrapassar os limites, eu falo na hora, de maneira firme, sem rodeios. Às vezes, o cliente até se assusta com a minha atitude, mas isso não me importa”.

P23: “Eu adotei um comportamento mais firme. Sempre que um cliente tenta fazer um comentário inadequado, eu faço questão de deixar claro, com educação, que o respeito deve ser mútuo. Além disso, tento manter a calma mesmo nos momentos de estresse. O segredo é não deixar que o comportamento dos outros afete minha confiança no trabalho que realizo”.

P19: “Eu sempre procuro agir com calma. Quando percebo que alguém está sendo inconveniente, tento ser firme, mas sem criar confusão. Caso contrário, o melhor é seguir em frente e garantir minha segurança”.

P20: “Acho que a paciência e o profissionalismo são fundamentais. Quando alguém me faz um comentário desrespeitoso, tento não me afetar. Eu sei que, se eu perder a calma, a situação pode piorar, então procuro agir com educação e firmeza”.

Quanto à percepção de dificuldades adicionais por serem mulheres, observa-se uma diversidade de respostas entre as participantes. P1, P8 e P16 relataram desafios específicos, incluindo o assédio verbal por parte de passageiros e a desconfiança quanto à sua competência. Essa realidade está em concordância com as afirmações de Goulart, Melo e Versiani (2022), que destacam como a inserção feminina na profissão de motorista de transporte de passageiros é dificultada pelo simples fato de ser uma ocupação historicamente associada ao universo masculino.

P1: “Sim, acredito que enfrentamos alguns desafios adicionais por sermos mulheres nesse trabalho. Por exemplo, questões de segurança são uma preocupação constante. Às vezes, sinto receio de fazer corridas em certos horários ou locais, especialmente à noite. Também enfrento situações de desrespeito de passageiros que questionam minha capacidade de dirigir ou têm atitudes invasivas, como comentários inapropriados”.

P8: “Com certeza. Pelo simples fato de ser mulher no volante, enfrentamos muito preconceito. Muitas pessoas ainda acham que mulher não sabe dirigir, que não tem capacidade para ser motorista. E também enfrentamos comentários inadequados, como cantadas, por parte de passageiros, que acham que só por sermos mulheres estamos mais vulneráveis a esse tipo de abordagem”.

P16: “Além de toda a desconfiança de alguns passageiros, também tem a questão de sermos menos valorizadas. Tem cliente que quer negociar mais o preço comigo porque acha que mulher “pega mais leve”, sabe? E rola sempre aquela cobrança de que, como mulher, preciso provar que sou tão boa quanto qualquer outro”.

Por outro lado, algumas participantes relatam não perceber desafios adicionais por serem mulheres, considerando que os desafios do dia a dia são comuns a todos os profissionais da área, independentemente do gênero. A P7, por exemplo, afirma que, em vez de obstáculos, enxerga certos benefícios em ser mulher. Segundo ela, seu gênero é, em algumas situações, uma vantagem, pois observa que muitos clientes se sentem mais confortáveis e confiantes ao serem atendidos por uma motorista mulher.

As experiências compartilhadas pelas motoristas revelam uma realidade complexa, marcada tanto por desafios quanto por momentos de superação. O preconceito de gênero, especialmente em um ambiente predominantemente masculino, é uma constante para muitas, com algumas enfrentando discriminação explícita e outros casos mais sutis de desvalorização. No entanto, também surgem relatos de experiências positivas, onde o gênero feminino é visto como um diferencial, com algumas motoristas destacando o respeito e a preferência de passageiros. Além disso, as participantes demonstram uma notável capacidade de adaptação, adotando estratégias diversas para lidar com os obstáculos, sejam eles emocionais, físicos ou sociais, garantindo sua continuidade e sucesso na profissão.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como objetivo geral identificar os principais desafios do trabalho de mulheres motoristas de transporte de passageiros em Sant’Ana do Livramento/RS, com foco na análise dos estereótipos de gênero que permeiam seu ambiente de trabalho. Como objetivos específicos, buscou-se, primeiramente, identificar os principais estereótipos de gênero que são relacionados às mulheres motoristas de transporte de passageiros, além de analisar como o preconceito de gênero repercute no exercício laboral cotidiano. A pesquisa, realizada com 23 motoristas mulheres, revelou um perfil diversificado de trabalhadoras, que escolhem a profissão por motivos variados, como a flexibilidade de horários e a busca por independência financeira, e enfrentam desafios relacionados, principalmente, à desconfiança

na sua capacidade de dirigir, ao assédio moral e à pressão para conciliar o trabalho com as responsabilidades familiares. O estudo também evidenciou que, apesar dos estigmas e preconceitos, muitas motoristas se adaptam às adversidades, adotando estratégias para lidar com as dificuldades e até mesmo destacando-se em algumas situações como um diferencial positivo para os passageiros.

As motoristas entrevistadas enfrentam estereótipos enraizados que questionam sua competência ao volante, com passageiros e até colegas de profissão demonstrando desconfiança quanto à capacidade das mulheres para desempenharem essa função. Estes estereótipos se manifestam de diferentes formas, desde comentários pejorativos até atitudes de assédio e desvalorização da autoridade feminina. A desconfiança e o controle excessivo por parte de passageiros do sexo masculino, por exemplo, são manifestações claras da ideia de que a mulher, por sua natureza, não seria capaz de desempenhar a função de motorista.

Além disso, a pesquisa destacou a realidade de muitas motoristas que enfrentam uma jornada dupla ou até tripla, pois, além de trabalharem longas horas no volante, precisam equilibrar o trabalho com as responsabilidades domésticas e familiares. A expectativa social de que as mulheres desempenhem o papel principal nas responsabilidades domésticas e no cuidado da família adiciona mais um obstáculo à vida dessas profissionais, intensificando sua carga de trabalho. Esse acúmulo de tarefas impõe uma pressão constante, que exige delas não apenas empenho no trabalho, mas também uma dedicação às necessidades familiares, o que se configura como mais um desafio que contribui para a sobrecarga dessas profissionais.

No entanto, a pesquisa também revelou aspectos positivos, mostrando que o gênero feminino pode ser visto como um diferencial em determinadas situações. Muitas passageiras, por exemplo, demonstram preferência por motoristas mulheres, as associando a uma conduta mais cuidadosa e segura. Assim, embora o preconceito de gênero seja um desafio significativo para essas motoristas, também existem relatos de respeito e aceitação, o que evidencia que, apesar das dificuldades, o trabalho delas é reconhecido e valorizado por uma parcela do público.

Em relação às estratégias de enfrentamento, as motoristas demonstram uma capacidade de adaptação, adotando diferentes abordagens, que vão desde cuidar de si mesmas e buscar um equilíbrio emocional até adotar uma postura mais firme e confiante para enfrentar os preconceitos do dia a dia. Muitas recorrem a técnicas psicológicas para manter a calma diante das dificuldades, enquanto outras se dedicam a aprimorar seus conhecimentos técnicos, como a manutenção dos veículos, para se sentirem mais seguras e independentes no desempenho de suas funções.

Portanto, o presente estudo revelou uma realidade complexa e cheia de diferentes aspectos. As motoristas mulheres de Sant'Ana do Livramento demonstram, por um lado, a superação dos estigmas e o enfrentamento das dificuldades diárias com determinação e criatividade, e, por outro, a necessidade urgente de um ambiente mais inclusivo e justo no setor de transporte de passageiros. Embora o preconceito de gênero ainda represente um obstáculo importante, a pesquisa mostra que essas mulheres não apenas estão conquistando seu espaço, mas também se apropriando de uma profissão tradicionalmente dominada por homens, trazendo novas perspectivas sobre o empoderamento feminino e a mudança social no mercado de trabalho.

Assim, pode-se concluir que, ao explorar a trajetória das mulheres motoristas de transporte de passageiros, esta pesquisa não apenas amplia a compreensão dos desafios que essas profissionais enfrentam, mas também destaca a urgência de medidas que combatam os estereótipos de gênero e incentivem a criação de um ambiente de trabalho mais inclusivo e igualitário. A pesquisa evidencia a necessidade de promover mudanças que garantam que o gênero não seja visto como um obstáculo ao desempenho profissional, mas como uma característica que, quando respeitada, contribui para a diversidade e o fortalecimento do setor.

A principal limitação desta pesquisa foi a dificuldade em contatar mulheres motoristas de transporte de passageiros em Sant'Ana do Livramento. A falta de colaboração por parte das empresas do setor dificultou o acesso às profissionais, possivelmente devido ao receio de expor as adversidades enfrentadas por elas. Além disso, verificou-se uma escassez de estudos sobre a temática, o que restringiu as possibilidades de discussões mais amplas. Para pesquisas futuras, sugere-se a realização de estudos que investiguem diretamente com as motoristas, quais mudanças e melhorias são necessárias para que possam exercer a profissão de forma plena e igualitária.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, N. D. V. *et al.* As relações de gênero e as percepções dos/das motoristas no âmbito do sistema de trânsito. **Psicologia, Ciência e Profissão**, v. 25, n. 2, p. 172-185, jun. 2005. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/pcp/a/7HKfLVKNdYcSXMgpNfd6xZd/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 30/05/2024.

AMORIM, J. M. M. **Mulher e o mundo do trabalho**: histórias de vida de estudantes o programa nacional Mulheres Mil Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins IFTO. Orientador: Jorge Luiz da Cunha. 2015. 127 f. Dissertação de Mestrado (Grau de Mestre em Educação) - Universidades Federal de Santa Maria, Cursp de Mestrado do Programa e Pós-Graduação em Educação, Linha de Pesquisa Práticas Escolares e Políticas Públicas, Santa Maria, 2015.

ANTUNES, R. **Adeus ao trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho**. 11 ed. São Paulo: Cortez Editora, 2006. Disponível em:

<<https://www.unirio.br/cchs/ess/Members/renata.gomes/2020.1/servico-social-e-processos-de-trabalho/Bibliografia/complementar/ANTUNES-%20Ricardo.%20Adeus%20ao%20Trabalho%20-%20Ensaio%20Sobre%20as%20Metamorfoses%20e%20a%20Centralidade%20do%20Mundo%20do%20Trabalho.pdf/view>>. Acesso em: 29/05/2024.

ARAÚJO, A. A. S. **Estereótipos**: constituição, legitimação e perpetuação no discurso sobre o negro. Orientador: Zilda Gaspar Oliveira de Aquino. 2010. Dissertação de mestrado (Filologia e Língua Portuguesa) - Universidade de São Paulo, Curso de Filologia e Língua Portuguesa, São Paulo, 2010. disponível em:

<<https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-04022011-114700/pt-br.php>>. Acesso em: 30/05/2024.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BAYLEY, K. **Methods of social research**. 4 ed. New York: The Free Press, 1994.

BERGAMINI, B. S. **Contabilidade é coisa de mulher? A influência dos estereótipos de gênero na escolha de carreira de mulheres em Ciências Contábeis**. Orientador: Prof. Dr. Edgard Bruno Cornacchione Jr. 2020. 174 f. Dissertação de pós-graduação (mestre em ciências) - Universidade de São Paulo, pós-graduação em controladoria e contabilidade, São Paulo, 2020. Disponível em:

<<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/12/12136/tde-12012021-133557/pt-br.php>>. Acesso em: 10/06/2024.

BORDIEU, P. **A dominação masculina**. 11 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BOUVILLE, M. On enrolling more female students in science and Engineering. **Science and Engineering Ethics**, v. 14, n. 2, p. 279-290, jul. 2008. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/5853401_On_Enrolling_More_Female_Students_in_Science_and_Engineering>. Acesso em: 30/05/2024.

BRUSCHINI, C.; SORJ, B. **Novos Olhares: Mulheres e Relações de Gênero no Brasil**. São Paulo: Marco Zero, 1994.

BRUSCHINI, M. C. A.; RICOLDI, A. M. Revendo estereótipos: o papel dos homens no trabalho doméstico. **Estudos feministas**, v. 20, n. 1, p. 259-287, jan./abr. 2012. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ref/a/556ZJx8GpxyxGKbxQJ46jwh/>>. Acesso em: 31/05/2024.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 22 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CÂNDIDO, N. F. N. **Divisão sexual do trabalho: uma análise acerca das profissões tipicamente masculinas na contemporaneidade**. Orientador: Me. Jussara de Cássia Lopes. 2017. 49 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Serviço Social) - Universidade Federal de Ouro Preto, Curso de Serviço Social, Mariana, 2017. Disponível em: <<https://monografias.ufop.br/handle/35400000/618>>. Acesso em: 12/06/2024.

CISNE, M.; SANTOS, S. M. M. **Feminismo, diversidade sexual e Serviço Social**. 1 ed. São Paulo: Cortez Editora, 2018.

COLCERNIANI, C. B.; D'ÁVILA, M. I.; CAVAS, C. S. T. A participação das mulheres no mercado de trabalho sob a perspectiva da teoria da justiça social de Nancy Fraser e dos conceitos relativos ao trabalho decente. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, v. 18, n. 2, p. 169-180, dez. 2015. Disponível em: <<https://www.journals.usp.br/cpst/article/view/125805>>. Acesso em: 30/05/2024.

COLODETTI, A. P. O. A.; MELO, M. C. O. L. As relações de gênero no contexto socioeconômico e cultural brasileiro: estudo com mulheres motoristas de aplicativos de mobilidade urbana. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 19, n. 4, p. 873-886, out./dez. 2021. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/cebape/a/LTLOsXQT38Czwjjyt6933XH/>>. Acesso em: 10/06/2024.

COSTA, D. G. C. *et al.* **Políticas públicas e realidades: trabalho e vivências sociais**. 1 ed. Campina Grande: Amplla, 2024. Disponível em: <<https://ampllaeditora.com.br/publicacoes/6218/>>. Acesso em: 13/06/2024.

Cresce participação de mulheres motoristas em apps de transporte no Brasil. **Jornal Estadão**, 2024. Disponível em: <<https://mobilidade.estadao.com.br/mobilidade-para-que/cresce-participacao-de-mulheres-motoristas-em-apps-de-transporte-no-brasil/>>. Acesso em: 10/06/2024.

DUARTE, G. SPINELLI, L. M. Estereótipos de gênero e divisão sexual do trabalho: uma reflexão sobre a realidade do trabalho feminino. In: 5º ENCONTRO COMPARTILHANDO SABERES, 2021, Santa Maria. **Resumos** [...]. Rio de Janeiro, 2021.

FERREIRA, L. A. "**Eles diziam que eu tinha que estar dirigindo fogão**": representações de mulheres motoristas de ônibus na cidade do Natal/RN. Orientador: Antoinette de Brito Madureira. 2020. 50 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Serviço Social) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Curso de Serviço Social, Natal, 2020. Disponível em: <<https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/36296>>. Acesso em: 13/06/2024.

FILHO, V. W. Perfil epidemiológico dos trabalhadores. **Revista Brasileira de Medicina do Trabalho**. Belo Horizonte, v. 2, n. 2, p-103-117, Abr./Jun. 2004. Disponível em: <https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&opi=89978449&url=https://www.nescon.medicina.ufmg.br/biblioteca/imagem/0180.pdf&ved=2ahUKewjV96Tg-7SJAxUGLLkGHcG5J_cQFnoECCEQAQ&usq=AOvVaw3ixO00ivyrvwQzu0V_0PXmg>. Acesso em: 28/10/2024.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GOULART, A. M. M.; MELO, M. C. O. L.; VERSIANI, F. Relações de gênero e gueto profissional: estudo com mulheres motoristas de aplicativos de mobilidade urbana. **Revista Eletrônica de Ciência Administrativa**, v. 21, n. 1, p. 124-148, jan./abr. 2022. Disponível em: <<https://www.periodicosibepes.org.br/index.php/recadm/article/view/3340/0>>. Acesso em: 27/05/2024.

JULIÃO, H. V.; DUTRA, N. H. Divisão sexual do trabalho: para além do gênero e do patriarcado. **Temporalis**, v. 20, N. 40, p. 201-214, jul./dez. 2020. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/temporalis/article/view/31523/22637>>. Acesso em: 31/05/2024.

JUNIOR, A. S.; MARQUES, D. S.; LIMA, T. C. B.; PAIVA, L. E. B. Elas no volante: a inclusão de mulheres motoristas de ônibus. **Economia e Gestão**, Belo Horizonte, v. 22, n. 61, jan./abr. 2022. Disponível em: <<https://periodicos.pucminas.br/index.php/economiaegestao/article/view/27005/20567>>. Acesso em: 31/05/2024.

LOURO, G. L. Destemidos, bravos, solitários: a masculinidade na versão western. **Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades**, v. 7, n. 10, p. 171-182, jul./dez. 2013. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/5382>>. Acesso em: 30/05/2024.

MEYERSON, D.; FLETCHER, J. K. A modest manifesto for shattering the glass ceiling. **Harvard Business Review**, v. 78, n. 1, p. 126-136, jan./fev. 2000. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/44002013_A_Modest_Manifesto_for_Shattering_the_Glass_Ceiling>. Acesso em: 30/05/2024.

MEIHY, J. C. S. B. **Manual de história oral**. 5 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

MINAYO, M. C. S.; DESLANDES, S. F.; GOMES, R. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 29 ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

MOLLER, M. A. B.; GOMES, J. F. S. Quid Vincit? O impacto da liderança feminina na implicação organizacional. **Análise Psicológica**, v. 28, n. 4, p. 683-697, out. 2010. Disponível em: <<http://publicacoes.ispa.pt/index.php/ap/article/view/389>>. Acesso em: 30/05/2024.

MORAES, R. B. S.; OLIVEIRA, M. A. G. D.; ACCORSI, A. Uberização no contexto da economia de compartilhamento: um estudo sobre o trabalho dos motoristas de transporte particular por aplicativo em São Paulo. **Revista INTERFACE**, v. 16, n. 2, p. 71-92, 2019. Disponível em: <<https://ojs.ccsa.ufrn.br/index.php/interface/article/view/1107>>. Acesso em: 11/06/2024.

MORAES, T. D. *et al.* Considerações sobre o ofício de dirigir ônibus no Brasil: uma revisão de literatura. **Estudos Interdisciplinares em Psicologia**, v. 8, n. 1, p. 76-99, 2017. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2236-64072017000100006>. Acesso em 17/11/2024.

MOTOKI, A. M. **Gênero e trabalho**: enfrentamentos e desafios das mulheres motoristas do transporte coletivo urbano da cidade de Uberlândia, no decorrer do ano de 2014. Orientador: Sergio Paulo Moraes. 2015. 38 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2015. Disponível em: <<https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/20066/1/GeneroTrabalhoEnfrentamentos.pdf>>. Acesso em: 26/05/2024.

NASCIMENTO, V. M. S.; ALVES, F. J. S. Gênero e carreira: um estudo de caso das percepções de contadores públicos. In: CONGRESSO USP CONTROLADORIA E CONTABILIDADE, 19, 2014, São Paulo. **Anais eletrônicos** [...]. São Paulo: USP, 2014, p. 1-11. Disponível em: <<https://www.google.com/search?q=G%C3%AAnero+e+carreira%3A+um+estudo+de+caso+das+percep%C3%A7%C3%B5es+de+contadores+p%C3%BAblicos.&client=tablet-android-xiaomi-terr1-rso2&sourceid=chrome-mobile&ie=UTF-8>>. Acesso em: 11/06/2024.

NOGUEIRA, M. C. “Ter” ou “fazer” o gênero: o dilema das opções epistemológicas em psicologia social. In: GUARESCHI, N. M. F. **Estratégias de invenção do presente: a psicologia social no contemporâneo**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. P. 249-283. Disponível em: <<https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/64441/2/86830.pdf>>. Acesso em: 25/05/2024.

OLIVEIRA, A. C. F.; PINHEIRO, J. Q. Indicadores psicossociais relacionados a acidentes de trânsito envolvendo motoristas de ônibus. **Psicologia em estudo**, v. 12, n. 1, p. 171-178, jan./abr. 2007. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pe/a/vdck7pyJDnqFgn4rBqMb7Tj/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 31/05/2024.

PROBST, E. R.; RAMOS, P. A evolução da mulher no mercado de trabalho. **Instituto Catarinense de Pós-Graduação**, v.1, n.1, p.1-8, 2013. Disponível em: <https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&opi=89978449&url=https://www.mobilizadores.org.br/wp-content/uploads/2014/05/artigo_jan_gen_a_evolucao_da_mulher_no_mercado_de_trabalho.pdf&ved=2ahUKEWjOIMvNn7SGAxWDqZUCHQ21CCkQFnoECBQQAQ&usq=AOvVaw1GzWd03XK2LXEUxvCJmi0Y>. Acesso em: 26/05/2024.

RAMOS, D. Carreira de motorista: quais as possibilidades de atuação na área?. **Capital News**, Campo Grande, v. 1, 4 jul. 2023. Educação e carreira. Disponível em: <<https://www.capitalnews.com.br/colunistas/educacao-e-carreira/carreira-de-motorista-quais-as-possibilidades-de-atuacao-na-area/387803>>. Acesso em: 10/06/2023.

SANTOS, C. M. M.; TANURE, B.; NETO, A. M. C. Mulheres executivas brasileiras: o teto de vidro em questão. **Revista Administração em Diálogo - RAD**, v. 16, n. 3, p. 56-75, 2014. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/rad/article/view/13791/17185>>. Acesso em: 18/11/2024.

SCHLINDWEIN, V. L. C.; BEZERRA, G. S. “Olhares tortos”: um estudo com motoristas de ônibus da cidade de Porto Velho-RO. **Revista Gênero**, v. 18, n. 2, p. 204-216, 2018. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/revistagenero/article/view/31315>>. Acesso em: 13/06/2024.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995. Disponível em: <https://scholar.google.com.br/scholar_url?url=https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/257862/000037108.pdf%3Fsequ&hl=pt-BR&sa=X&ei=i61XZqPnONuH6rQPtIKPuAg&scisig=AFWwaebI0PV209nNbPGb5nQYm0s7&oi=scholar>. Acesso em: 25/05/2024.

SIQUEIRA, C. B.; BUSSINGUER, E. C. A. As ondas do feminismo e seu impacto no mercado de trabalho da mulher. **Revista Thesis Júris**, v. 9, n. 1, p. 145-166, jan./jun. 2020. Disponível em: <<https://uninove.emnuvens.com.br/thesisjuris/article/view/14977/8270>>. Acesso em: 28/10/2024.

SOUSA, J. C. *et al.* Até que ponto eu aguento? Uma investigação das vivências e percepções de labor de mulheres motoristas de aplicativo. **DESENVOLVE: Revista de Gestão do Unilasalle**, v. 12, n. 1, p. 01-21, Set. 2023. Disponível em: <<https://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/desenvolve/article/view/10896>>. Acesso em: 18/11/2024.

SOUZA, M. R. L. “Só podia ser mulher!” uma análise sob a ótica feminina a respeito de profissões masculinas. **Anais do X CASI - X Congresso de Administração, Sociedade e Inovação. 2017**. Disponível em: <<https://www.even3.com.br/anais/xcasi/61430-sopodia-ser-mulher-uma-analise-sob-a-otica-feminina-a-respeito-de-profissoesmasculinas/>>. Acesso em: 27/05/2024.

TEIXEIRA, L. I. L. *et al.* “É ela quem vai me atender?” Os desafios das mulheres em profissões culturalmente masculinas. **Brazilian Journal of Development**, v. 7, n. 6, p. 64042-64059, jun. 2021. Disponível em: <<https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/32061>>. Acesso em: 01/06/2024.

TRIVIÑOS, A. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

VIEIRA, B. Mulheres negras no mercado de trabalho brasileiro: um balanço das políticas públicas. *In*: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO 11 E 13º MUNDOS

DE MULHERES, 2017. São Paulo. **Anais** [...]. São Paulo: Universidades Estadual de Campinas, 2017.

YEUNG, N. C. J.; HIPPEL, C. Stereotype threat increases the likelihood that female drivers in a simulator run over jaywalkers. **Accident Analysis & Prevention**, v. 40, n. 2, p. 667-674, abr. 2008. Disponível em:
<https://www.researchgate.net/publication/5523679_Stereotype_Threat_Increases_the_Likelihood_That_Female_Drivers_in_a_Simulator_Run_over_Jaywalkers>. Acesso em: 31/05/2024.

APÊNDICE A – ROTEIRO DA ENTREVISTA

Inicialmente, será feita a identificação da entrevistadora para a entrevistada, mencionando que as informações prestadas não serão utilizadas para outra finalidade que não seja a construção do artigo acadêmico. As informações somente poderão ser divulgadas de forma anônima.

1- Perfil da entrevistada

1. Nome?
2. Idade?
3. Escolaridade?
4. Estado civil?
5. Possui filhos? Quantos?
6. Forma de atuação (taxista, motoristas de ônibus, condutoras de veículos escolares ou motoristas de aplicativos de transporte)?
7. Há quanto tempo você trabalha nessa área?
8. O que a motivou a escolher essa profissão?

2- Desafios do trabalho

9. Você já se deparou com algum tipo de preconceito no seu trabalho? Como foi essa experiência?
10. Quais são os maiores desafios que você enfrenta no seu dia a dia como motorista de transporte de passageiros?
11. Como você lida com esses desafios?
12. Você acha que enfrenta desafios adicionais por ser mulher? Quais seriam eles?